

24h*

A HEROÍNA MARIA FELIPA DE OLIVEIRA GANHA UM MONUMENTO NA PRAÇA CAIRU, EM SALVADOR

FOTOS: ARISSON MARINHO



GUARDIÃ DA BAÍA

Obra tem 4 metros e é banhada em bronze

Reconhecida e celebrada na oralidade do povo baiano e, sobretudo, do povo negro há 200 anos, Maria Felipa de Oliveira, heroína da independência do Brasil na Bahia, ganhou, ontem, mais um registro material que faz referência à sua luta e história. Além das pesquisas e estudos em sua memória, existe agora um monumento que a representa na Praça Cairu, em frente ao Mercado Modelo e ao Elevador Lacerda, no bairro do Comércio.

A obra, com quatro metros de altura, feita com fibra de vidro e banhada em bronze, foi inaugurada pela Prefeitura de Salvador e está voltada para a Ilha de Itaparica, onde Maria Felipa lutou ao lado de um grupo de mulheres para bloquear o acesso de suprimentos dos portugueses à capital.

A artista visual Nádia Taquary é a autora do monumento – o primeiro a homenagear a heroína em território soteropolitano. Ela chamou de presente a oportunidade de representar Maria Felipa, disse que é uma honra se juntar à luta oral de preservação do que foi feito pela baiana e agradeceu a todos que tornaram possível a constituição de memória dela em monumento de arte.

“Tenho profunda gratidão a todos que persistiram e continuaram contando essa história.



“A obra está voltada para a Ilha de Itaparica, onde a estratégia de Maria Felipa foi fundamental para a vitória”
Bruno Reis

Prefeito de Salvador

Repetir isso por 200 anos, mesmo não tendo acesso a registros escritos, e permitir me juntar a isso é um presente. Esse é o monumento que a cidade precisa, já que é fundamental o reconhecimento de quem realmente lutou por nós, seja na rua ou nas águas”, afirma. Ela destacou também que nada na

composição do monumento é à toa, citando adereços nobres, que colocam a heroína como rainha e lutadora.

O prefeito Bruno Reis (União Brasil) ressaltou a posição do monumento a Maria Felipa na praça, onde tem o olhar para Itaparica e, assim como fez na ilha, guarda a orla e as águas de Salvador.

“A obra está voltada para a Ilha de Itaparica, onde a estratégia de Maria Felipa, de queimar os 40 navios portugueses, funcionou e foi fundamental para a independência do Brasil na Bahia. Voltada para onde ela lutou e se fez heroína de nossa história, que é contada e celebrada há 200 anos”, disse Bruno.

Ele ainda afirmou que, caso a Câmara de Vereadores aprovasse a mudança de nome da Praça Cairu, no Comércio, o projeto seria sancionado por ele de maneira automática. A praça, hoje, tem esse nome como uma homenagem ao Visconde de Cairu, um colonizador e político baiano, o que é questionado por movimentos sociais da capital.

Gildete Virgens, 73 anos, foi à praça para participar da inauguração e celebrou o que chamou de vitória.

“O negro teve uma grande função na história deste país. As mulheres negras, nem se fala, e isso é esqueci-



“Esse é o monumento de que a cidade precisa, pelo reconhecimento de quem realmente lutou por nós”
Nádia Taquary

Artista visual

do. Na Bahia, Maria Felipa é símbolo disso. Uma mulher que luta e resiste até em memória na nossa oralidade contra o apagamento do que fez. Nada mais justo esse reconhecimento”, falou ela, que é integrante da Casa Maria Felipa.

Além do grupo de Gildete,

participaram ainda as bandas Didá e A mulherada e as Filhas de Gandhi. Cherry Almeida, diretora do grupo Filhas de Gandhi, falou do orgulho de ver a obra em um lugar tão conhecido. “Vir nessa praça ou trazer alguém vai ser muito diferente. Olhar para uma igual neste lugar é muito forte, relembra a força que a mulher negra tem para a história política deste país.”

“Ter esse símbolo aqui é de suma importância para que mais pessoas a conheçam”, completou.

Historiadora, Victoria Fares lembra que Maria Felipa é parte de uma das frentes de resistência do Brasil na Bahia, em Itaparica, que a celebra e tem orgulho de sua figura. Victoria pontua que, apesar da resistência oral que se tem da heroína, esta foi alvo de um processo de invisibilização por uma cultura que valoriza apenas os registros materiais.

“Quando se tem uma história que valoriza documento escrito, é uma forma de apagamento de sujeitos.”

A historiadora ainda cita a existência de muitos registros de Maria Quitéria, mulher branca e filha de pais com posses, enquanto Maria Felipa, uma mulher negra e marisqueira, não tem essa documentação.

WENDEL DE NOVAIS